

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

A Construção de Jesus

A Surpresa de Um Retrato



JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

A construção de Jesus

A surpresa de um retrato



COLEÇÃO
POÉTICAS DO VIVER CRENTE
Série JTM

As obras de um autor de referência, empenhado em fazer dialogar a experiência cristã com os desafios de um mundo que se entreabre em modos sempre novos.

Coordenação da coleção: José Tolentino Mendonça

Capa Carlos Vasconcelos
Imagem da capa **Philippe LEJEUNE (1924-2014)**

Le Repas de Simon, 1950

© Musées de la Ville de Boulogne-Billancourt

– Photo: Philippe Fuzeau

Pré-impressão Paulinas Editora – Prior Velho

Impressão e acabamentos Artipol – Artes Tipográficas, Lda. – Águeda

Depósito legal 398 626/15

ISBN 978-989-673-482-4

© Setembro 2015, Inst. Miss. Filhas de São Paulo
Rua Francisco Salgado Zenha, 11
2685-332 Prior Velho
Tel. 219 405 640 – Fax 219 405 649
e-mail: editora@paulinas.pt
www.paulinas.pt

SEM VALOR COMERCIAL

Vou contar como cheguei até aqui. Como, entre tantos episódios que os Evangelhos relatam, aquele da pecadora que se arrisca por um território hostil apenas para tocar em Jesus (Lc 7,36-50) acabou por tornar-se o meu objeto de trabalho bíblico durante anos, mas não só de trabalho: também de emoção, de imaginação, de afeto e de fé. O convívio com esse texto mudou completamente o meu olhar sobre Jesus e, com isso, posso dizê-lo, mudou também a minha vida. Passei a dar valor à necessidade de consolação que todos os humanos transportam; às linguagens com que o corpo e a alma se expressam e que, porventura, não sabemos atender devidamente ainda; à singularidade irreduzível da narrativa biográfica; àquela porção de vida íntima que se comunica melhor com silêncio e lágrimas do que por palavras; ao perfume e ao dom; à hospitalidade de Deus que Jesus revela, e que é a expressão, por excelência, da sua incondicional misericórdia.

Não se pode imaginar uma história sem personagens. Não raro, é em torno delas que se desenvolve a ação ou se estrutura a economia narrativa. Os seus percursos, sujeitos a transformações, aprofundamentos, revisões, são, por assim dizer, o motor da intriga e o seu poder impressivo. Seymour Chatman chama-lhes «os existentes da história», pois mesmo quando a sua existência antecede e ultrapassa as fronteiras do espaço ficcional, enquanto personagens, elas podem ser reconstruídas pelo leitor através de traços explícitos ou implícitos que, progressivamente, vão sendo fornecidos pelo texto. Isto, sem esquecer que, em tudo o que nos é dito e mostrado sobre as personagens, permanece uma porção insolúvel de obscuridade, de indecisão. As personagens, quando verdadeiras, são perceptíveis, mas também impenetráveis. Como esses vultos em certas pinturas que sugerem e evocam a realidade em vez de afirmá-la diretamente.

Enquanto personagem, Jesus é construído gradualmente pelo processo narrativo. Facto que em nada se intromete com a prioridade temporal que,

obviamente, Jesus tem sobre o Evangelho. Não é a existência histórica de Jesus que se pretende observar, mas a sua revelação narrativa, urdida por alguém que, mais do que uma simples biografia, pretendeu avizinhar o leitor da misteriosa e inalienável singularidade da sua pessoa. Há, assim, que deixar-se conduzir por traços de caracterização que estão dispersos no relato, por aquilo que a personagem diz e faz (ou, simplesmente, por aquilo que ela silencia), pela interação com os outros atores e o modo como estes a descrevem, pelos aditamentos e comentários do narrador.

* * *

O episódio do Evangelho de Lucas que vamos analisar (Lc 7,36-50) está construído sobre esta curiosa estrutura ternária, pois as relações entre as personagens sendo explicitamente binárias, têm sempre um terceiro no horizonte. Assim se percebe que o convite do fariseu a Jesus possibilite a intromissão da pecadora; no segundo quadro, que Jesus dialogue com o fariseu, mas estando voltado («voltando-se para a mulher») para a pecadora; no último quadro, que Jesus fale com a mulher, mas que o que Ele diga desperte a reação dos comensais. Trata-se, à primeira

vista, de uma estrutura simples, mas, como veremos, de maneira nenhuma elementar.

* * *

O episódio mostra-nos que Jesus não julga apenas os factos, possibilita também a sua transformação. O seu espaço de intervenção é o mais amplo: Ele conhece elementos que as outras personagens ignoram, conta uma história que, aparentemente, se subtrai ao contexto, mas que afinal o encena, contorna os obstáculos que aprisionam a situação e recria, de novo, uma possibilidade para o imprevisto. Retorna ao passado da narração e desvela um significado que abala o presente. Explica. Resolve. A verdade é revelada progressivamente não pelo narrador ou por outra personagem, mas pelo próprio Jesus.

* * *

Os fariseus representavam, no judaísmo comum, não só o devotado zelo por Deus e pela sua Lei, mas também a perseguição obediente dos mandamentos na vida quotidiana. Para os fariseus, manter a pureza ritual em torno da mesa e da refeição, fugindo de todo o contacto que os pudesse contaminar, é um

ponto central. O que vai acontecer neste relato bíblico não é, portanto, um discreto incidente que se possa, delicadamente, contornar, mas é alguma coisa que põe profundamente em causa os valores daquele correto anfitrião.

* * *

A mulher vem de mais longe, mas expõe-se inteiramente, confiando mais nas lágrimas do que nas palavras, sem se abrigar à falsa sombra das autojustificações, sem julgar ninguém, humilhando-se apenas. E a autenticidade da sua declaração sem palavras, permite que Jesus se revele a ela, desencadeando no seu percurso uma transformação.

* * *

A mulher entra e sai em silêncio, mas o leitor sente que a sua passagem se revestiu de uma eloquência ímpar. Em vez de palavras ela utilizou uma linguagem plástica, talvez mais contundente que a verbal. Representou, como atriz solitária, no palco da casa do fariseu, o seu monólogo ferido: com o seu pranto prolongado, os cabelos a arrastar-se pelo chão do hóspede, numa coreografia humilde e lancinante, os beijos

e o perfume que mais ninguém ali teve a preocupação de ofertar a Jesus. A qualidade penitencial do personagem é testemunhada pelo território simbólico em que ela opera, os pés de Jesus, sete vezes referidos, e pela convulsão da sua figura (pense-se que descobrir o cabelo diante de um homem estranho era considerado, para uma mulher, uma grande desonra).

* * *

A mulher inominada não cumpre os rituais de hospitalidade ao serviço da casa do fariseu. Em relação ao fariseu ela é uma intrusa, e não uma associada. O seu nexó é com Jesus: os seus gestos, tão distantes, na sua emotividade, daquela delicada indiferença que se requer a quem habitualmente presta, aos hóspedes, esse serviço, são interpretados por Jesus como uma forma de acolhimento na fé: por isso, de pecadora a mulher passará a perdoada. E a transformação do estatuto da mulher derrama um perfume novo não só na perícópe, mas pelo próprio Evangelho.

* * *

As parábolas de Jesus distinguem-se das que os rabinos contavam, porque não eram apenas a argu-

mentação de uma sabedoria, ou a procura judicativa de uma didática moral. A sabedoria paradoxal que contêm é uma provocação que profeticamente anuncia o Reino.

* * *

Não se explicita claramente o que seja a fé: o que sabemos é que esta não pode ser desligada dos atos de amor que a intrusa realiza em casa do fariseu. A fé não é uma abstração, é uma narrativa. Se o ligame entre fé e «toque» não é precisado, ele acaba por ser bem sublinhado pela repetição que o discurso de Jesus faz de todos os gestos daquela pecadora. Sem uma única palavra, a mulher toca a realidade profunda de Jesus. Entabula com Ele uma relação que transcende o formalismo do pacto de hospitalidade oferecido pelo dono da casa. Traz um impressionante regime de verdade para o centro do relato. Expõe-se. Confia. Indiferente ao peso do juízo social que pesa sobre si, ela entrega-se ao silêncio de Jesus, ao poder transformador da sua palavra. E Jesus diz-lhe: «a tua fé te salvou» (v. 50). A fé, note-se, é «a tua fé»: traz agarradas à sua formulação as marcas mais íntimas e impronunciáveis do vivido. Não tem o sentido de uma virtude interior abstrata, mas ligam-se a expressões

existenciais concretas. A fé da mulher é aquele seu modo de estar presente, inteiramente presente a Jesus.

* * *

Na comunicação sem palavras que a mulher mantém com Jesus, o perfume ganha um valor icónico. O seu referente semântico é o odor. Um referente subtil que flui como uma espécie de pretexto para a intimidade se expressar, para o pacto autobiográfico acontecer. Atrás dele seguem-se memórias, confidências silenciosas, lágrimas... Ele entreabre, por assim dizer, o mundo secreto das identidades ou ajuda a tornar evidente o espaço interior. Se, como escreve Bernard Marcadé, os perfumes «são uma espécie de epifanias da alma», a mulher derrama não apenas perfume sobre os pés de Jesus, mas o dialeto silencioso e pungente da própria existência. O perfume está em vez dela. Ela está no perfume.

* * *

Há o tempo das ações, que muitas vezes é um tempo verbal ou adverbial que testemunha aquilo que as personagens realizam, mas há também um tempo

das personagens, na medida em que a existência se identifica com a temporalidade. A vida tem sempre uma qualidade a assinalar, uma quantidade de tempo determinada. Compreender uma personagem é ser sensível ao fenómeno de temporalidade (de temporalidades, porque são plurais as dimensões do tempo) que a atravessam.

A narrativa é uma operação sobre o tempo. Mas há ainda outra forma: uma transparência ou filigrana que a consciência empresta ao tempo à medida que ele é contado e que pode ser chamada de revelação.

* * *

Entre os poderes que o caracterizam, no relato lucano, está efetivamente o de curar. A sua ação, proporcionando a libertação de males que atormentam o homem, configuram-no como taumaturgo, atuando com sucesso sobre doenças (4,37-40; 5,12-26; 6,6-11; 7,1-10; 8,43-48; 13,10-17; 14,1-6; 17,11-19; 18,35-53), demónios (4,33-36.41; 8,26-39; 9,37-45), forças destruidoras da natureza (8,22-25) ou a própria morte (7,11-17; 8,40-42.49-56). Não há debilidade que Jesus não consiga vencer, mesmo quando a enfermidade dura há vários anos (8,43;13,16) ou o mal se torna irreversível (8,49). Uma energia salutar é tão

patente nele, que o relato quase a personifica: «E o poder do Senhor estava com Ele para curar» (5,17); «saía dele um poder que a todos curava» (6,19); «bem sei que saiu de mim um poder» (8,46). Esta sua fama espalhava-se cada vez mais, e muitos o procuravam para serem curados das suas enfermidades (5,15).

Contudo, como escreve Oepke, se fora do cristianismo os milagres são, de modo geral, contados por si mesmos, nos relatos evangélicos, «a narração visa sempre alguma coisa que objetivamente está fora do milagre». O milagre fornece o enquadramento, mas é o que emerge a propósito do milagre que acaba por capturar o enfoque da história.

* * *

Não só o agir e o falar de Jesus o caracterizam como alguém com autoridade, como Ele parece atribuir-se, a si mesmo, uma autoridade que lhe seria própria. Jesus não é o simples intérprete da Torá ou das Tradições dos Pais, mas sim um protagonista que se tornará intrigante, precisamente pelo modo como se apresenta «poderoso em obras e palavras». No ensinamento que desenvolve, não apela ao prestígio dos mestres que o precederam e contraria mesmo aquilo que se julgava fixado. Em relação ao repouso sabático,

por exemplo, adota uma atitude que se desvia das prescrições, tal como quanto à pureza ritual. Ele não depende das instâncias históricas que representavam a autoridade, nomeadamente a religiosa. Retoma, certamente, a Lei, mas à sua maneira e sem lhe parecer submetido. Escolhe os discípulos com autoridade, e os mandata, pedindo-lhes uma ligação incondicional e exclusiva à sua pessoa. Não admira que tudo o que lhe diz respeito, inédito pelo poder que reclama, tenha sido, do princípio ao fim do seu ministério público, questionado na sua autoridade; tenha suscitado perplexidades e conflitos, que dão conta da dificuldade que os vários atores sentem em compreender e aceitar Jesus.

* * *

Na verdade, podemos dizer, é a complexidade da própria identidade de Jesus que determina a crise do modelo profético. Os «dramáticos mal-entendidos sobre a sua qualidade de profeta e a natureza da visita divina», como aponta M. R. Ternant, radicam no facto de que o título de profeta se torna escasso para abarcar o significado messiânico de Jesus na sua globalidade. Sem dúvida que os arquétipos proféticos citados contribuem para o conhecimento de Jesus, mas

de forma a não aprisioná-lo nessas referências, unicamente. A condição paradoxal da identidade de Jesus obriga a transcender o próprio paradigma profético. Apesar de todas as semelhanças com a tradição profética veterotestamentária, a especificidade de Jesus obriga a que a designação «profeta» lhe possa ser aplicada apenas analogicamente. Pode-se dizer sempre mais acerca de Jesus.

* * *

Em Jesus temos a superação da ideia de pecador aplicada restritivamente a singulares ou a grupos. Na nova visão, toda a acentuação da autonomia humana, mesmo sob o manto protetor do culto, do cumprimento da Lei ou da total dedicação a Deus, torna o homem pecador e necessitado da graça de Deus. De facto, o sentido do arrependimento na boca de Jesus não refere simplesmente aquela radical renúncia ao pecado pela esperança do perdão, anunciada por João Batista, mas a emergência de uma nova itinerância, que simbolicamente se revê na deslocação daquela mulher, intrusa e pecadora. Com a colaboração do relato de Lc 7,36-50 acontece um facto importante no ensinamento de Jesus: o pecador deixa de ser o representante de uma categoria social ou religiosa (5,29;

7,36-50) para passar a ser o símbolo do homem carente de Deus. A intrusa é tomada como paradigma do crente.

* * *

Jesus revela-se não apenas o hermeneuta do coração humano, capaz de iluminar o resíduo mais decisivo de cada coração, mas também o intérprete competente do desígnio de Deus nas circunstâncias da história. Como escreve Segalla, «Jesus, particularmente em Lucas, é o ícone do Pai: de um Pai infinitamente e inesperadamente misericordioso». No seu modo de agir com os pecadores, Jesus interpreta a misericórdia de Deus e declara que a pessoa é salva. Aceitando que isso passa tanto por buscar, como por ser buscado. Tanto por festejar amorosamente o seu regresso, como por ser o recetáculo das lágrimas do encontro. O seu ministério é atuação salvadora.

* * *

Mas a construção do relato supõe também a construção que o texto faz do leitor. Na verdade, o leitor não é apenas um produtor ou um consumidor, mas é um produto do próprio texto. As técnicas narrativas são ao mesmo tempo uma forma de pedir a colabora-

ção do leitor para a construção do texto e uma maneira de construí-lo. O leitor, trabalhado pela arte da narrativa, é construído à medida que constrói o texto. Instaura-se, assim, um jogo de circularidades. A leitura é uma correspondência secreta e vital, uma prática de correlação. Lemo-nos a nós próprios no livro que temos diante de nós. Porque o leitor, ao fim de contas, não está apenas a enfrentar o dilema da identidade de Jesus: ele como que é conduzido a interrogar-se sobre si mesmo à luz daquela identidade. E ao Evangelho não interessou mostrar quem Jesus é, na objetividade acabada de um conceito ou de um discurso, mas sim colher esta resposta mostrando quem Jesus se torna na vida daqueles e daquelas que cruzam o seu caminho.

* * *

O confronto com a pessoa de Jesus conduz necessariamente a uma opção pelo que Ele constitui. Lucas não nos coloca perante doutrinas ou virtudes morais: apresenta-nos uma pessoa como único referencial. Do que se trata, é de reconhecer ou não uma pessoa, escolher ou não segui-lo. Nesse sentido, a técnica narrativa tem uma finalidade cristológica evidente: a procura da identidade de Jesus não é apenas um

assunto dos atores do relato, ela estende-se também aos leitores, que devem, por sua vez, decidir-se ou não no itinerário dos discípulos, o da fé.

* * *

A arte narrativa de Lucas é muito mais que a habilidade de urdir bem um relato, criando uma segura sequência em progressivo élan de resolução. É muito mais que a mestria de uma oficina de prolepses e analepses, onde a modelação consciente de uma história por outra determina uma provocadora e disseminada sugestão tipológica, que nos faz reconhecer o grande talento e cultura do narrador. O segredo da arte narrativa de Lucas é o centro narrativo que ele escolhe: a revelação da identidade messiânica de Jesus.

O Evangelho, porém, não aposta na apresentação de conclusões acabadas acerca de Jesus: sugere, antes, o caminho aberto, silencioso e paciente das perguntas. De forma insistente, e num propósito claro de envolver o leitor, vai repetindo que o enigma Jesus está e não está resolvido, para que precisamente este interstício se revele como possibilidade de inscrever uma nova demanda. A narrativa evangélica apresenta-se assim como o limiar de uma história aberta, infinita, onde a cristologia nos remete para a ecle-

siologia. O seu presente é já o inventário do nosso futuro.

* * *

Porque existem as histórias? Porque resistem elas ao inelutável manto do esquecimento?

Que poder é o seu? Porque nos atraem, porque tornamos a elas, mesmo quando séculos se somaram a outros séculos, e o mundo que as gerou nos aparece enigmático, secreto, distante? Que trânsito nos traz assim suspensos: apenas um comércio de artifício, que as frágeis histórias encenam, ou a circulação impalpável mas presente da própria verdade? Porque contou Jesus histórias? Porque as contamos nós para dizer Jesus? Uma coisa temos por certa: há histórias que são contadas para que um encontro aconteça.

Vou contar como cheguei até aqui. Como, entre tantos episódios que os Evangelhos relatam, o da mulher pecadora que se arrisca por um território hostil apenas para tocar em Jesus acabou por se tornar o meu objeto de trabalho bíblico durante anos, mas não só de trabalho: também de emoção, de imaginação, de afecto e de fé. O convívio com esse texto mudou completamente o meu olhar sobre Jesus e, com isso, posso dizê-lo, mudou também a minha vida. De facto, há histórias que são contadas para que um encontro aconteça.



ISBN 978-989-673-482-4

